

LEITE E DERIVADOS

O DESAFIO DA INSERÇÃO INTERNACIONAL

GLAUCO RODRIGUES CARVALHO

Pesquisador da Embrapa Gado de Leite

JULIANA MOTA MONTEIRO DA SILVA

Estudante de Economia na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

CLESIANE DE OLIVEIRA CARVALHO

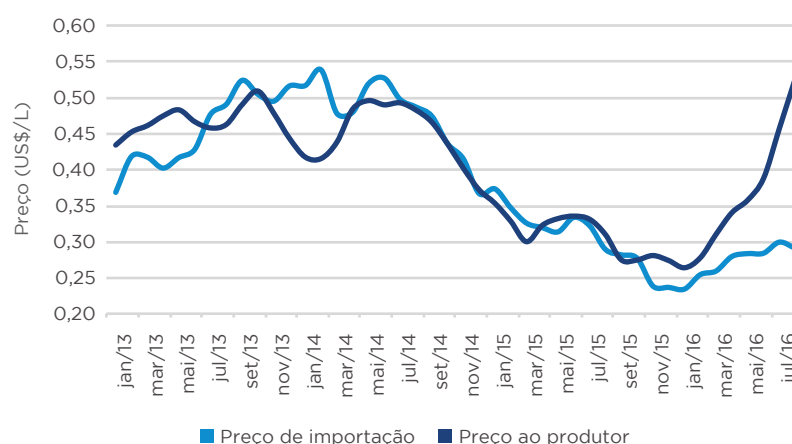
Doutora em Administração pela Universidade Federal de Lavras (UFLA)

A **COMPETITIVIDADE** do Brasil no agromercado mundial é observada em vários mercados de *commodities*, assumindo papel de destaque na produção e na exportação de inúmeros produtos agroalimentares. O País apresenta, também, relevância na produção de lácteos, sendo o quarto maior produtor mundial.

A balança comercial de leite e derivados, no entanto, mostra uma situação de fraca competitividade, tendo representado apenas 0,36% das exportações do agronegócio e tímidos 0,17% do total geral das exportações em valor no ano de 2015. O Brasil é,

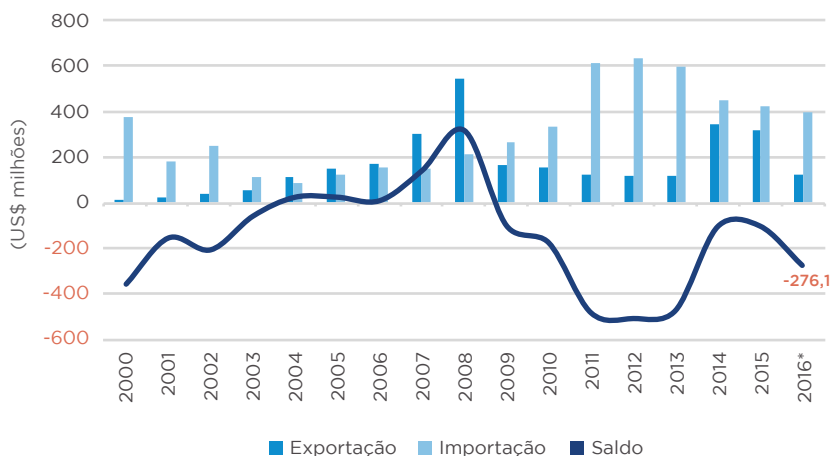
historicamente, um importador líquido de produtos lácteos e encontra dificuldades em mudar tal posição. Grande parte desse déficit explica-se pela alta competitividade das importações em relação ao preço doméstico. Importar produtos lácteos está mais barato do que o produzir internamente. O leite em pó, por exemplo, chega ao Brasil ao preço de US\$ 0,29 por litro de leite. Por outro lado, considerando o mês de agosto como referência, o preço ao produtor foi de US\$ 0,52 por litro. Enquanto isso, em junho, o preço internacional ao produtor foi de US\$ 0,26 por litro na Nova Zelândia, US\$ 0,24 por litro na Alemanha e US\$ 0,29 por litro na Argentina.

PREÇO DO LEITE AO PRODUTOR VERSUS PREÇO DE IMPORTAÇÃO
(US\$/L)



Nota: preço de importação baseado no equivalente litro de leite considerando o leite em pó integral
Fonte: MDIC; Cepea; BACEN; Embrapa

BALANÇA COMERCIAL DE LEITE E DERIVADOS



* Janeiro a agosto
Fonte: MDIC; Embrapa

As importações de leite e derivados já atingiram US\$ 397 milhões no acumulado do ano até agosto de 2016, sendo 65% deste valor referentes a leite em pó. Com isso, o déficit comercial em lácteos atingiu US\$ 276 milhões. O crescimento das importações no período recente foi devido à combinação de preços domésticos em elevação (baixa oferta no Brasil) e preços internacionais em patamar deprimido (grande oferta da UE). Para tentar conter um pouco a alta de preços ao consumidor brasileiro, o Governo autorizou a reconstituição do leite em pó para a produção de UHT nas regiões de abrangência da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) pelo período de um ano. As importações de lácteos, em volume, estão em torno de 5% da captação nacional de leite, e as compras só não estão sendo maiores devido à queda de produção no Uruguai e na Argentina – queda esta que atingiu cerca de 13% comparando-se o primeiro semestre de 2016 com o mesmo período de 2015. Outro fator relevante é a renovação das cotas de importação de leite em pó argentino, estabelecendo um volume-teto de 4,3 mil toneladas por mês de junho de 2016 a maio de 2017.

A tendência é que esse diferencial entre os preços domésticos e internacionais se reduza nos próximos meses, em função do declínio sazonal dos preços no Brasil e da recuperação das cotações no mercado internacional. Existe um ambiente externo de baixa rentabilidade em vários países. No

caso dos europeus, a euforia pós-fim das cotas está dando lugar a um ambiente, também, de crise de rentabilidade. Assim, a tendência é que a expansão da oferta ocorra em menor ritmo e os preços sigam em trajetória de elevação, ainda que moderada.

De todo modo, o setor lácteo brasileiro continuará apresentando dificuldades em competir internacionalmente. O desafio das exportações passa por vários fatores, alguns dos quais podem ser transpostos por ações da cadeia produtiva, tais como maior escala de produção, baixo custo de matéria-prima, aproveitamento das vantagens comparativas e estratégias bem definidas de abertura do mercado. Outras ações, que não dependem apenas dos agentes da cadeia produtiva e afetam diretamente a competitividade brasileira, são: uma boa política sanitária; negociações comerciais que levem à redução de barreiras ao comércio; suporte governamental em problemas cotidianos de transações; desoneração tributária; baixo custo logístico; e uma taxa de câmbio favorável.

O setor tem sido muito penalizado pelo custo Brasil, devido às estradas rurais precárias, aos altos encargos trabalhistas, à baixa produtividade da mão de obra e aos altos custos de energia elétrica. A baixa produtividade das vacas e a fragmentação da estrutura produtiva também aumentam os custos de produção, tornando a realização da inserção internacional cada vez mais distante. ■